COLECÇÃO OESTE

Tinha que matá-lo

M. L. ESTEFANIA

COMICS NA WEB

COLECÇÃO OESTE

Tinha que matá-lo

M. L. ESTEFANIA

Ei

colecção OESTE-124

"TINHA DE MATA-LO"

colecção
OESTE

ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS:

115 — COM O NOME DE OUTRO,
por Keith Luger
116 — ZORRO CINZENTO, po Tex Taylor
117 — PASSAGEM DE PISTOLEIROS,
por A. Rolcest
118 — FUMO NO HORIZONTE,
por A. Rolcest
119 — «JOHNNY TIGRE»,
por M. L. Estefania
120 — VÍTIMA DA TRAIÇÃO,
por Orland Garr
121 — O MISSISSIPI EM VERMELHO,
por Sam Fletcher
122 — SMITH, O MATADOR,
por Meadow Castle
123 — O REBELDE, por M. L. Estefania
124 — TINHA QUE MATÁ-LO,
por M. L. Estefania

A seguir:

125 — «SONORA JIM», por Joe Mogar

Reservados todos os direitos para
a Língua Portuguesa em conformidade com a lei em vigor

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE BERTRAND (IRMÃOS), LDA.—TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 7 — LISBOA

M. L. ESTEFANIA

"TINHA DE MATÁ-LO"

TRADUÇÃO DE

ED. MOTRENA

EDITORIAL IBIS, LDA

Rua Henrique de Paiva Couceiro
Venda Nova — AMADORA

outras colecções
do OESTE
publicadas pela

Editorial IBIS, Lda.

COLECÇÃO
● CALIFÓRNIA
COLECÇÃO
● KANSAS
COLECÇÃO
● «COLT»
COLECÇÃO
● COLORADO

PREÇO: 8$00

Volumes «Extra» — Preço: 12$50

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

CAPÍTULO I

— Foste ver as ovelhas, Selma?

— Sim, tio. Estão bem. O fiel «Snow» não se afasta delas...

— Graças a ele, podemos vigiá-los. Parece-me que vamos ter tormenta...

— Também me parece... É preciso proteger «Snow». Os lobos começam a descer da montanha.

— Julguei que tivesse a coleira...

— Eu vou buscá-la...

Jasper Royer olhou para a montanha. Não lhe agradava o aspecto do tempo. Pensando no gado, entrou num velho telheiro, onde guardavam o pasto para as ovelhas.

Selma não tardou a aparecer.

— Que te parece esta coleira?

— Formidável. Onde a encontraste?

— Fi-la o Verão passado...

— Aproveitaste bem as puas. Salvaram muitas vezes o animal. Vai colocá-la já... E não te esqueças de levar o rifle...

— Vai na funda, pendurada no arção da sela...

— E munições?

— Também tenho.

— Aproxima o gado mais de casa. Não me agrada nada o aspecto do tempo. Vou preparar a comida...

— Eu tratarei disso... Vai descansar.

— Não estou cansado...

— Dizes isso, mas a perna continua a doer-te...

— Graças a isso, eu sei quando há mudança de tempo. Olha, que não tem falhado...

— O que estranho é que Edenton, se viu estas nuvens, não tenha vindo perguntar-te nada...

—Verás que não há-de tardar...

Selma despediu-se de seu tio e, montando a cavalo, meteu-se a caminho, trauteando alegremente uma canção em voga.

Mas ao internar-se num grupo de árvores, empalideceu ao ver vestígios de patas, na fina camada de neve, que cobria o solo. O cavalo relinchava, à medida que ia avançando.

— Quieto! — disse Selma. — Deve ser algum lobo esfomeado que se afastou da alcateia. Não te fará mal.

Empunhou o rifle e engatilhou-o, observando o terreno.

Já estava perto do local, onde se encontrava o rebanho das ovelhas, quando descobriu «Snow», que movendo a cauda, correu para ela.

Selma apeou-se e começou a fazer-lhe festas.

— Pronto! Agora, vamos lá a ver se a coleira te fica bem.

Colocou-lha ao pescoço e apertou a fivela, por baixo.

O animal, porém, estava inquieto e, assim que ela o largou, voltou-se, de orelhas espetadas, rosnando, ao mesmo tempo que o seu pêlo se eriçava. Depois, correu para junto das ovelhas. Estas, que haviam pressentido a proximidade do seu mais terrível inimigo, começaram a juntar-se, girando à volta e apertando-se.

Com o rifle preparado, Selma vigiava o rebanho, pois conhecia bem o costume dos lobos. Reconhecia que o lobo devia estar bastantes esfomeado para que tentasse atacar o rebalho àquelas horas.

— Vamos, «Snow»!

O cão avançou lentamente para um pequeno grupo de árvores. Os potentes ladridos do animal fizeram-lhe compreender que ele havia descoberto o terrível inimigo.

De súbito, um enorme lobo saiu de entre o arvoredo e correu para o cão. Selma levou a arma à cara,

mas não se atreveu a disparar, receando ferir «Snow». Entretanto, este começara já a travar uma luta emocionante com a fera, que, ao morder as puas, ficou com as fauces rasgadas e ensanguentadas, pelo que tentou escapar-se. O cão, porém, não o deixou. Sem parar de ladrar, colocando-se sempre, de lado, e, sem fazer caso dos uivos da fera, atirou-se a ela, com um salto, e abocou-lhe o cachaço, mordendo-lhe furiosamente. O lobo atirou-se ao chão, para se libertar do inimigo, mas este tornou a agarrá-lo, pela garganta. Pouco depois, a fera estava estrangulada.

— Portaste-te como um valente, «Snow»! — disse Selma, acariciando o nobre animal, que agitou a cauda, de contentamento. Depois, pôs o rebanho, em movimento.

Ao ver isto, o cão pôs-se a rodear o rebanho, à medida que este avançava, a fim de não deixar tresmalhar nenhuma ovelha.

De súbito, Selma descobriu um cavaleiro que cavalgava devagar na sua direcção.

— Anda aqui, «Snow»!—E apeou-se, de rifle em punho. Mas nesse momento viu o cavaleiro cair. Correu, então, para ele, precedida do cão. Como visse o desconhecido, de borco, e com as costas ensanguentadas, tentou levantá-lo, mas não pôde. Voltou atrás, para tirar um frasco de «whisky», que levava num bornal, pendente da sela, e fez com que o desconhecido bebesse algumas gotas, reanimando-o.

Abrindo os olhos, aquele murmurou:

— Feriram-me... Perseguiram-me.

— Eu, sòzinha, não posso pô-lo de pé. Tem de fazer um esforço. A casa de meu tio fica perto.

— Eu vou tentar...—Embora com certa dificuldade, o desconhecido assobiou, para chamar o seu cavalho, que se acercou, ajoelhando-se ao pé dele. O cavaleiro agarrou-

-se às crinas, dizendo para Selma que o ajudasse a montar. Pouco depois, chegavam ao rancho, contando Selma o que se passara.

— Sabes que isso é perigoso...

— Trata-se de um ser humano, que é preciso salvar. Acho melhor ir à cidade chamar o doutor Tiffin. Mas é conveniente que o xerife não saiba coisa alguma.

— Tens razão! — Concordou o velho Jasper. — O pior é que começou já a cair neve. Vai ser uma dos diabos. Não se pode perder tempo. — E montando num cavalo, dirigiu-se a galope para Big Sandy. Ao passar na rua principal, não pôde resistir à tentação de entrar no armazém de Dam, o «Irlandês» para beber um copo de «whisky».

— Tu, pela cidade?!

— É verdade! Vou chamar o doutor Tiffin...

— Quê? Há alguma novidade?

— Selma caiu do cavalo e está

cheia de dores. Receio que tenha partido um braço.

— Porque não mandaste um moço? Não devias ter vindo... O xerife de Joplin está aí. Ao que parece, um salteador e ladrão de cavalos anda escondido nos arredores da cidade...

— Ora! Não me há-de acontecer nada! — E, depois de beber o «whisky», saiu para ir a casa do médico.

CAPÍTULO II

— Há quanto tempo foi isso, Jasper?

— Haverá duas horas... Mas...

— Mas o quê?

— Estamos sós, doutor?

— Estamos, sim. Fala à vontade.

— Jasper contou-lhe a verdade.

— E agora acabo de saber pelo xerife, que se trata de um temível salteador.

—Ora! Coisas do xerife de Joplin... Ele e o de cá são unha com carne. Pode ser muito bem, uma falsa manobra.

—Fizeste bem em avisar-me. Vou já preparar tudo.

Pouco depois de ter avisado sua mulher, Tiffin saiu acompanhado de Jasper, partindo ao galope dos seus cavalos. Mas tiveram de moderar o andamento dos animais, pois a neve caía com mais intensidade.

Tiffin, assim que chegou, examinou o desconhecido, declarando que o seu estado era um pouco grave.

Entretanto, Selma pôs uma cafeteira com água ao lume, para ferver, enquanto o médico fazia todos os preparativos para uma imediata intervenção cirúrgica.

Tratava-se da extracção de duas balas.

Da primeira foi fácil, visto que o projéctil entrara de lado, alojando-se junto do sovaco esquerdo. A ou-

tra é que deu mais trabalho, por estar alojada num ponto delicado.

Feita a extracção, colocou nas feridas umas ervas maceradas, ligando o doente convenientemente.

— O mais difícil suportou razoàvelmente, devido à sua resistência física.

— Não parece ter muita idade, pois não, doutor? — perguntou Selma.

— Sim!... Não deve andar muito longe dos trinta anos. A barba espessa é que lhe dá a aparência de mais velho...

O médico não se afastou dele, durante as primeiras horas.

Mas já de madrugada não pôde mais e adormeceu profundamente.

Selma é que demonstrou ser mais forte e manteve-se acordada, sentada perto da cama.

Já o dia vinha a clarear, quando o desconhecido se mexeu, tentando voltar-se e respirou profundamente.

— Senhor doutor! — chamou Selma e abanou-lhe o braço, não com muita força.

— O que foi? — perguntou sobressaltado.

— O doente moveu-se um pouco...

Tiffin aproximou-se da cama e verificou a febre.

— Vamos lá! — disse sorrindo. — Isto vai melhor do que eu esperava. A febre baixou bastante. — Desligou-o cuidadosamente, renovou o penso e tornou a ligá-lo.

Lá fora, o vento assobiava, anunciando que a tormenta se tornava cada vez mais rija.

Quando o dia amanheceu por completo, Selma foi espreitar à janela, recolhendo logo para dentro.

— O senhor doutor tem de permanecer aqui, enquanto não passar a tormenta. Sair com este tempo, seria um suicídio!

— Está bem! Ao mesmo tempo é um benefício para este rapaz...

— Porquê?

— Porque ninguém virá incomodar-nos.

A jovem, que sabia já o que se comentava na cidade acerca do «temível salteador», como o xerife de Joplin dissera, sorriu, por compreender aquilo que o médico queria dizer.

★

Dois dias depois, já o mau tempo tinha abrandado; o desconhecido que se encontrava muito melhor, abriu os olhos.

— Onde estou?

— Tem tempo de saber. Não convém que fale. Precisa de manter-se calado e sem se mexer... Sabe que esteve quase a «patear»?!

— Felizmente que está salvo.— Observou Selma.

— A propósito. Como o tempo está a melhorar e o xerife pode aparecer por aí, quero ligar-te o braço.

— E enquanto lhe enrolava uma ligadura no braço esquerdo, ia-lhe recomendando. — Agora, deves ter cuidado.... Diante de estranhos, tens de representar bem o teu papel

— Não me comprometerei, verá...

Após uma noite serena, o outro dia apresentou-se muito melhor do que os anteriores. Entretanto, o velho Jasper colocou o cavalo do forasteiro, junto dos seus e escondeu a sua cela no celeiro. Depois do almoço, quando estavam a conversar, ouviram o cão ladrar.

Um grupo de cavaleiros, com o xerife à frente, aproximava-se. Jasper saiu ao seu encontro.

— Bons-dias, Jasper! — disse o xerife. — O doutor Tiffin está cá?

— Está lá dentro a tratar de Selma...

— A esposa dele contou-me o que aconteceu à tua sobrinha... Como está ela?

— Muito melhor. E o doutor não partiu já por causa da tempestade... Vieram passear?

— Não. Temos andado à procura de um perigoso pistoleiro. O xerife de Joplin disse-me que lhe perdeu a pista perto daqui, embora o tivessem ferido. É possível que esteja escondido nas tuas terras...

— Hum! O cão teria dado com ele!...

Nesse momento, o médico apareceu à porta.

— Olá, xerife! Viu minha mulher?

— Vi-a e falei com ela... Tem estado inquieta...

— Pudera! Esta maldita tormenta imobilizou-me aqui, não me deixando sair...

Selma apareceu à porta, com uma cara de mártir, como se sentisse dores terríveis. O xerife, ao vê-la, perguntou-lhe:

— Então, pequena? Que tal vai isso?

— Um pouco melhor... Ai! Ai!

— Pareces uma criança! — observou o cirurgião. — Nos primeiros momentos, portaste-te como uma valente e agora estás assim...

Entretanto, Jasper e o xerife conversavam.

— É verdade, Mac Comb — perguntou Tiffin ao xerife. — Ruston ainda é o xerife de Joplin?

— Foi reeleito. Assim que chegou perguntou-me pelo senhor.

— Que tal vai ele da perna?

— Perfeitamente.

— Prenderam o tipo que lhe deu o tiro?

— Enforcaram-no...

Selma interrompeu a conversa, começando novamente a queixar-se.

— Mas que é isso, pequena?

— Isto continua a doer-me bastante.

— Sempre quero ver o que é! — E depois de pedir licença, seguiu Selma, até ao quarto, onde o ferido

se encontrava, mas a que ela chamara o seu quarto.

CAPíTULO III

Quinze dias depois, o forasteiro, que dissera chamar-se Dave, já andava levantado e comia com Jasper e a sobrinha à mesa. A temperatura tinha descido bruscamente, prenunciando nova tormenta.

— Não devias ter-te levantado da cama, com o frio que faz...

— Aqui dentro não se nota... Já estou cansado de estar na cama... É verdade! Que se diz de mim, na cidade?

— Nada. Julgam que morreste.

— Antes assim. Pelo menos, não complicarei a vida ao senhor... Quando me for embora, não sei como agradecer-lhes tudo isto.

— Mas então, não disseste que

querias ficar a trabalhar por aqui? — perguntou Selma.

— Já pensei melhor... Seria uma loucura ficar na região. A propósito disso, gostaria de falar com o doutor...

— O tempo está a pôr-se mau outra vez, e não creio que ele apareça por cá, assim...

Como estava a fazer o almoço, encaminhou-se para a cozinha, e ao ver que já estava pronto, tratou de o pôr a mesa. Assim que se sentaram, foi Dave quem rompeu o silêncio:

— Em vista do que me aconteceu e por lhes dever a vida, sinto-me moralmente obrigado a revelar-lhes um pouco do meu passado. Eu nunca fui salteador, nem ladrão de gado, como o xerife Ruston, de Joplin, fez espalhar aqui. Há alguns anos que me dedico à caça e tenho uma velha choupana, junto da fronteira do Canadá. E tenho ven-

dido sempre as minhas peles em Joplin.

— Mas que temos nós com isso? — observou Jasper.

— Não têm nada. Mas eu é que quero que saibam. Ouviram dizer que tinha sido enforcado em Joplin um homem por ferir o xerife Ruston? Era meu companheiro e grande amigo... E Ruston sabia muito bem. Jekyl tinha um filho a estudar no Este, e só lhe faltam dois anos para terminar o curso. Por isso mesmo tenho de regressar à minha choupana o mais depressa possível. A de Jekyl era quase ao lado da minha, e eu tenho de tomar conta de tudo quanto lá estiver dentro. Além disso, terei de ocultar a morte dele a seu filho, enquanto não terminar o curso... É uma história um pouco comprida e eu não quero aborrecê-los com essa narrativa.

— Eu conheço muito bem Ruston — disse Jasper. — Nunca me agra-

dou esse tipo. Costuma vir muitas vezes à nossa cidade.

— Bem sei. Ele é amigo de Mc Comb.

— E pensas partir em breve? — inquiriu Jasper.

— Assim que me puder mexer à vontade!

— Porque não ficas aqui connosco? Dentro de dois meses dará gosto estar aqui... E eu poderia pagar-te uma boa soldada, se ficasses.

— O tio está a perder o seu tempo... Não sabes que os vaqueiros não querem nada com as ovelhas?

Dave não pôde deixar de rir.

— Pensarei na oferta que acaba de fazer-me. Mas como já disse, tenho de ir à choupana de Jekyl, buscar um papel que ele tinha lá guardado, e o dinheiro que eu sei onde está escondido para mandar a seu filho e pagar as despesas dos seus estudos.

De súbito, a conversa dos dois homens foi interrompida por uns

uivos próximos da casa. «Snow», que estava deitado aos pés do dono, levantou-se e correu para a porta, rosnando furiosamente.

Jasper levantou-se e foi buscar um rifle.

— Onde vai? — perguntou Dave.

— É um lobo que está a uivar... E se não tratarmos de o impedir, matará algumas ovelhas...

— Espere! Abra a porta a «Snow». Se não o deixamos sair, ficará aborrecido connosco... Por outro lado, se o lobo está esfomeado, será um perigo ir ao seu encontro... — E, abrindo a porta, exclamou: — Vamos, «Snow»... — Depois, voltou-se para Jasper. — A estrebaria está aberta?

— Está. Porquê?

Em vez de responder-lhe, Dave assobiou de uma forma especial. O seu cavalo respondeu-lhe com fortes relinchos.

Entretanto, Selma que ouvira

também os uivos da fera e o ladrar do cão, apareceu a correr.

— Tio! É preciso ajudar «Snow». Quem o deixou sair?

— Fui eu, Selma.

— Podiam ter disparado de uma janela...

— Para isso, era necessário ver onde se encontrava o lobo. E só «Snow» é que o faria aparecer.

Os três assomaram à janela e viram, então, os dois animais engalfinhados numa luta feroz, sangrenta. Quase ao mesmo tempo, passou em frente da casa um cavalo, a correr.

— Onde vai esse cavalo? — perguntou Jasper, assustado.

— Vai pôr fim à contenda e auxiliar «Snow», muito melhor do que nós faríamos. Já não é a primeira vez... Veja!...

O cavalo, ao chegar ao local da luta, levantou-se sobre as patas traseiras e, com as dianteiras, caiu sobre o lobo, com toda a sua força.

A fera rodou sobre si mesma, para fugir. O cavalo deu dois galões, alcançando-o na cabeça, de tal maneira que ela caiu para o lado, inerte. Nem mesmo assim, o cavalo descansou, pois, abaixando a cabeça, abocou o pescoço do lobo acabando de matá-lo. «Snow» estava estendido, no solo, ganindo dolorosamente.

Foi, então, que Dave, esquecendo-se dos seus ferimentos, abriu a porta e saiu a correr.

— Não seja doido, homem de Deus! — gritou Jasper, correndo atrás dele.

— Deixe-se disso e trate de me ajudar.

Os dois homens pegaram no animal carinhosamente e conduziram-no para casa, enquanto Selma chorava, abraçada ao pescoço do cavalo.

— Obrigada, grande amigo... Se não fosses tu esse maldito lobo matava o fiel «Snow».

Entretanto, Dave, que se abaixara para tratar do cão, que haviam deitado em cima de umas mantas velhas, pediu a Jasper:

— Vá buscar-me, depressa, uma pequena mala que tenho na sela de montar.

Selma apareceu ao mesmo tempo para indagar do estado do animal.

— Ficou bastante... ferido. Mas vou tratar dele imediatamente.

— Porque o deixaste sair?...

— Era preciso impedir que o lobo assaltasse o curral das ovelhas e as matasse...

— Pronto! Aqui está a mala — disse Jasper, entrando a correr.

Dave não respondeu. Abriu a mala e tirando de dentro dela todas as ferramentas que continha, pôs-se a fazer o tratamento que se impunha, começando por conter a forte hemorragia. Jasper e Selma olhavam-no assombrados. Poucos dias antes, tinham visto o doutor Tiffin fazer uma coisa semelhante

com ele próprio. A certa altura, Dave preveniu-os:

— Se o animal não morrer, o que espero aconteça, convém tê-lo em observação, durante alguns dias. Já se têm dado casos de hidrofobia nos lobos...

— Como sabes isso? — perguntou Jasper.

— Na montanha, aprendem-se algumas coisas... Especialmente com os índios.

— O que te vi fazer, fez-me lembrar um médico.

— A necessidade obriga-nos, às vezes, a fazer muitas coisas que nunca sonhámos poder fazê-las. Além disso, na minha choupana possuo uns velhos livros de Medicina, que tenho lido muitas vezes. Agora, convinha que o doutor Tiffin o visse...

— Eu irei, amanhã cedo, tio. Já deixou de nevar.

Dave começou a falar num tom

carinhoso ao animal, como se o fizesse para um ser humano.

Não obstante, «Snow», embora não se mexesse, agitava a cauda, lentamente.

Parecia compreendê-lo.

CAPÍTULO IV

—Mac Comb está aí dentro?

—Não, Monroe. Saiu há pouco para dar uma volta.

—Trago notícias para ele.

—Vem connosco. Creio que foi ao armazém do Irlandês...

—Que tal te dás aqui, Collins?

—Levo uma vida tranquila—respondeu o ajudante do xerife.

—Gostarias de ir para Joplin?

—Há trabalho para mim?

—Trago ordens para te levar.

—Estupendo.

—Encontraram o cadáver do homem que perseguimos?

— Não. Os lobos deviam ter tido um bom festim...

— Eu não estou tão seguro disso, tanto mais que o rancho de Jasper era perto dali...

— Fomos lá algumas vezes e re-buscámos em todos os recantos — replicou Collins, fechando a porta. Atravessaram a rua, dirigindo-se para o armazém do Irlandês, que ficava a poucos metros de distância.

Ao vê-los entrar, Dan disse para o xerife:

— Aí tem os seus ajudantes.

Mac Comb voltou-se, estranhando ver Monroe.

— Tu, aqui?

— Parece que não te agrada ver-me!

— Não é isso. Mas estou surpreendido... Aconteceu alguma coisa?

— Vamos ao teu gabinete. Lá poderemos falar mais à vontade. — E acompanhado pelo xerife e por Collins, saiu.

Dan pareceu não ficar muito satisfeito.

— Que teria vindo Monroe cá fazer? — perguntou um dos seus empregados.

— Isso mesmo estava eu a pensar, Franklin! — respondeu o Irlandês.

— Procurarei averiguar...

— Mas tem cuidado. Já sabes que Mac Comb não nos estima muito...

— Isso não me dá cuidado...

— Não saias daqui agora...

O empregado de Dan compreendeu que o seu patrão tinha razão.

— É verdade... Já contaste os sacos de farinha que restam?

— São seis. Toucinho é que há bastante.

— E «whisky»?

— Pouco... Umas quantas garrafas...

— Terás de ir a Fort Benton dentro de dias. O barco do comandante Wernon há-de trazer de He-

lena tudo o que pedi. Já está reparada a roda da carreta?

— Esqueci-me de dizer a Rocky...

— Pois vai imediatamente lá! — Franklin tirou o avental de couro, para sair.

Entrou um grupo de vaqueiros, que Dam foi atender.

— O Irlandês é o único que ganha dinheiro na cidade! — observou um daqueles.

— E que tem isso? E tu és o capataz mais importante da região.

— Mas não ganho tanto como tu.

— Nem eu tenho tanto dinheiro, como teu patrão! Bem, em que posso servi-los?

— Precisamos de umas caixas de munições.

— Em que gastam tantas munições?

— Em disparar sobre as ovelhas que encontramos no nosso caminho! — respondeu, em tom trocista Douglas, o capataz de Rusk Norton.

— Qualquer dia têm um sério desgosto com os ovelheiros. Porque não os deixam em paz?

— Não suportamos o cheiro desses animais. Nem dos donos.

Precisamente, nesse momento, a porta abriu para dar entrada a um ovelheiro. O irlandês acercou-se dele.

— Olá, Marion! Então?! Como vão as coisas esta época?

— Temos bastantes crias.

— Queres alguma coisa?

— Preciso de um saco de farinha e toucinho...

— Então, espera... Tenho de atender estes primeiro... — E foi buscar as caixas de munições pedidas por Douglas.

— Porque deixaste entrar esse tipo? — perguntou o capataz. — Não há quem suporte o cheiro!

O Irlandês fez-se desentendido.

— Pagas isto agora?

— Não. Aponta na nossa conta. Depois de registar a venda no

livro dos créditos, Dam voltou-se para o ovelheiro e pôs-se a falar com ele.

Douglas, porém, fingindo tropeçar, empurrou-o, voltando-se ainda por cima.

— Para a outra vez, não te ponhas no meu caminho...

O ovelheiro fingiu não o ouvir e dirigiu-se a Dam:

— Logo virei buscar o que te pedi, Dam. Tenho um amigo à minha espera, no «bar» do Erwin.

— Espera, Marion! Não ouviste eu falar para ti?

— Deixa-o em paz, Douglas. Esse homem não se meteu com ninguém!

— Desde quando consideras homens os porcos?

— São vaqueiros como quaisquer outros...

— Não me faças rir...

Só nesse momento é que Marion lhe respondeu:

— Quando chegar o dia das provas, demonstraremos que somos tão bons vaqueiros como vocês! — E encaminhou-se para a porta. Douglas correu atrás dele e fez-lhe dar meia volta.

— Deixa esse homem, Douglas. — disse Dam. — Queixar-me-ei ao xerife.

— Podes ir já a correr. — E agrediu Marion brutalmente.

Dam não se pôde conter e empunhando um rifle, ordenou:

— Levantem os braços ao alto! — E disparou dois tiros para o ar. Os vaqueiros apressaram-se a obedecer.

— Fora daqui! — Furioso, Douglas afastou-se logo com os seus homens.

Não tardou que um curioso fosse referir ao xerife o que acabava de passar-se.

— E tens a certeza de que foi o Irlandês?

— Absolutamente.

— Esse doido foi capaz de matar alguém. — E acompanhado dos seus

dois ajudantes e por Monroe, tomou a direcção do armazém de Dam. Mas como visse que não havia ninguém morto, voltou para trás, indo juntar-se com Douglas, a quem prometeu que o ovelheiro seria castigado.

— Isto é que não pode continuar assim. Não posso suportar esse maldito cheiro. E o Irlandês duma figa também mas há-de pagar...

— Tem cuidado, Douglas. É preciso fazer as coisas bem. Odeio esse homem, tanto como tu, mas há inúmeros ovelheiros na cidade. Não podemos agir com a violência. Não sejas impaciente...

Douglas saiu furioso e foi juntar-se aos seus homens, escondendo-se todos para espreitar os ovelheiros. Quando estes sairam, um deles observou:

— Não devemos consentir isto. Já é de mais...

— Deixem. Há-de chegar um dia, em que possamos vingar-nos...

De súbito, viram-se cercados pelos homens de Douglas...

— De quem querem vingar-se? — perguntou o capataz. Mas antes que Marion respondesse, os vaqueiros espancaram-nos brutalmente, deixando-os inanimados. O doutor Tiffin, que assistira a tudo, da janela de sua casa, correu à rua, em auxílio dos pobres homens.

— Deixe-os, doutor! — aconselhou um vaqueiro. — Tal carniça, nem mesmo os lobos a comem, quando estão esfomeados... — E voltaram as costas ao cirurgião que, embora com dificuldade, teve de levar sòzinho para sua casa, os feridos, um de cada vez. Apesar de começar a tratar logo deles, o primeiro morreu nos seus braços, o que o fez revoltar. Foi precisamente nessa altura que o xerife apareceu na clínica, mas a esposa de Tiffin disse-lhe que não podia entrar. Apesar disso, os ajudantes do xerife afas-

taram-na brutalmente e entraram na sala de operações.

— Saiam daqui! — ordenou Tiffin. — Quem os autorizou? Um destes homens acaba de morrer e...

— Sinto deveras, doutor...

— Não diga o que não sente... Todos sabem que o senhor também odeia os pobres ovelheiros. E agora, saia...

Os três sairam, a ruminar qualquer coisa. Consideravam o cirurgião um perigoso inimigo.

CAPíTULO V

Quando já estava completamente curado, Dave levantou-se de madrugada e, depois de escrever um lacónico bilhete que deixou em cima da mesa, foi preparar o seu cavalo e afastou-se da casa, ràpidamente. Só três horas mais tarde, como aliás era seu costume, é que Jasper e Selma se levantaram, estra-

nhando não encontrar Dave já levantado. Procuraram-no por toda a parte, tendo Jasper encontrado a explicação da sua partida no bilhete de Dave.

— Um ingrato é que ele é! Ao menos... podia despedir-se de ti...

— Bem vês, por esse bilhete, qual o motivo por que ele não quis despedir-se de nós...

Embora compreendesse esse motivo, Selma não pôde deixar de chorar, o que levou Jasper a perceber que a jovem ficara apaixonada por Dave.

Entretanto, quando tomava o pequeno almoço, Selma observou:

— Estou a estranhar o doutor Tiffin não ter aparecido...

— É porque tem tido muito que fazer...

— E de Marion... Não se sabe nada?

— Já está curado... Ando preocupado com os rebanhos. Há tantos rancheiros que nos odeiam!...

— E o xerife também. Quando for à cidade, irei falar com ele...

— Não te metas em sarilhos. Um tenente do Fort Benton, que é muito amigo de Dam, e tem-lhe dito muitas coisas a respeito desses bandidos...

— Demais a mais, sendo o xerife apoiado por «mister» Norton. É inútil lutar contra esse homem...

— Pois não conseguirá correr connosco daqui, se é isso que ele pretende.

Como o tempo melhorara bastante, concordaram em que as ovelhas saissem, guiadas pelo cão.

— A propósito! — disse Selma. — Estamos sem farinha.

— Percebo-te. Queres ir à cidade...

— O meu braço já está curado... E preciso falar com Alice.

— Pois, sim!... Podes ir.

Meia hora depois a jovem partia a cavalo para a cidade. O Irlandês, assim que a viu, saudou-a:

— Selma! Então como passas?

— Bem, velho rabugento. Tens farinha?

— Tenho, sim.

— Virei logo buscá-la.

— Não entras?

— Tenho de ir falar com Alice.

— Vi-a, há pouco, na oficina do pai.

— Então, até logo.

Dam entrou no armazém e acercou-se de Franklin, que arrumava a mercadoria que acabava de trazer.

— Viste o tenente?

— Tinha saído com uma patrulha. Mas dei o bilhete a sua esposa.

— Verás que o xerife terá de prestar contas às autoridades militares...

— O pior é que o coronel é amigo de Rusk Norton.

— Seja como for, é necessário impedir que continuem matando ovelhas.

— São os vaqueiros de Norton que vêm aí...

— Esconda-se lá dentro e deixe-os comigo! — aconselhou Franklin. Douglas não tardou a aparecer com os seus homens. O empregado olhou-os, sorridente. — Querem mais munições?

— Queremos, sim! — respondeu o outro. — E teu patrão?

— Parece-me que está no «bar» de Erwin.

— Está bem. Preciso de falar com ele...

— Quantos cunhetes são?

— Três de balas para revólver e dois para rifle.

Depois de dar-lhes os cinco cunhetes, Franklin observou:

— Hoje é fim de semana.

— Só te posso pagar a conta para a semana. O patrão ainda não nos pagou...

— É verdade, Franklin — disse um dos vaqueiros. — Sabemos que foste fazer uma visita ao tenente, que é amigo do teu patrão.

— Como me disseram que o capitão Vernon estava lá...

— Embusteiro! Quem entregou isto à mulher do tenente?

Franklin tornou-se pálido.

— Tens de aprender a não mentir. Tomá lá esse papel e dize a teu patrão que o xerife é quem se encarrega dessas coisas.

Apesar de escondido, Dam empunhava um rifle e teve vontade de aparecer de surpresa e disparar sobre Douglas. Mas reconsiderou. Podia agravar a situação.

★

Entretanto, Selma conversava com Alice, acerca do fingido desastre que tivera e do que acontecera com o cão, abordando depois o assunto dos ovelheiros.

— Acabarão por correr com todos daqui! — dizia Alice. — Este ano querem dar uma lição aos ovelheiros, por ocasião dos exercícios. A

equipa de Norton todos os dias se treina.

— E eles fazem o mesmo. E os vaqueiros não os vencerão fàcilmente. Uns não são mais do que outros.

— Estou de acordo contigo. Mas eles é que não pensam o mesmo...

— O único culpado de tudo isto é o xerife... e tenho a certeza de que não será reeleito nas próximas eleições. — As duas amigas combinaram ir a casa de Tiffin, cuja esposa perguntara por Selma várias vezes.

CAPÍTULO VI

Dave contemplava as montanhas que tinha na sua frente.

«Estamos quase a chegar» — murmurou, como se o seu cavalo o compreendesse. A camada de neve era bastante espessa, o que o fez supor que a tormenta começara naquela zona.

Cavalgou durante algum tempo, ao longo do rio, mas ao chegar próximo de um ponto, onde a água parecia estagnada, apeou-se com cuidado e acercou-se da margem. Duas belas trutas andavam quase à superfície, a brincar com um redemoinho.

Sacou um dos seus revólveres e, apontando-o com a maior serenidade, disparou-o ràpidamente três vezes. Não foi preciso mais. Esperou um pouco abaixo que a corrente as levasse. Deitou-se atravessado na margem, para as apanhar, o que lhe foi fácil, visto que uma pedra as fez deter. Pescou-as mesmo à mão, guardando-as numa bolsa de couro.

Pouco depois, chegava ao pé da choupana. Como não viu quaisquer vestígios, compreendeu que ninguém se aproximara dali.

Empurrou a porta que chiou, pela falta de uso. Encontrava-se tudo como ele havia deixado. Através da

janela, viu o seu cavalo caminhar na direcção de uma gruta que havia em frente da choupana. Foi atrás dele e libertou-o da sela. A seguir, voltou à choupana, para fritar as trutas em pingo de toucinho. E pouco depois, saciava o seu apetite. Quando acabava de comer, ouviu o cavalo a relinchar, de uma maneira especial, o que lhe indicou que alguém se acercava. Preparou os dois «Colt» e esperou... Alguém empurrou a porta cuidadosamente. Era um homem com o rosto coberto de espessa barba.

— Jefferson!

— Dave! Ouvi dizer que te haviam matado.

— Iam-no conseguindo! — Os dois amigos abraçaram-se. — Não imaginas a alegria que sinto. E então essa caça?

— Ontem foi um dia formidável. Tenho mais sorte com as tuas armadilhas do que com as minhas.

— A propósito. Inteiraste-te do caso de Jekyl?

— Estive no armazém de Bob dois dias depois. Ele contou-me tudo. Porque o teriam matado?

— Eu te explicarei. Jekyl nunca te falou do que descobrira junto do rio?

— Não!

— Estiveste na sua choupana?

— Estive. Levei para a minha cabana todas as peles. Foi a única coisa que lá encontrei de importância.

— Pois há uma coisa lá escondida que tem mais importância. Sabes se Bob recebeu alguma carta do filho de Jekyl?

— Não sei...

— Temos de enganar esse rapaz, fazendo-lhe crer que seu pai é vivo. Se ele soubesse a verdade, era capaz de deixar os estudos. — Conversaram durante muito tempo, explicando Dave o que se passara com

ele, Selma e o doutor Tiffin, concluindo: — É um bom cirurgião!

— Melhor do que um que eu conheço? — perguntou Jefferson.

— Não tenhas dúvidas.

— Está bem! Não quero discutir contigo... Sabes que estás completamente irreconhecível, depois de teres feito a barba?

— Foi Selma que me pediu para a fazer.

— E tu acedeste logo... Percebo. Estás apaixonado por ela.

— Para que te hei-de dizer o contrário?

— E pensas voltar a Big Sandy?

— Quando resolver o caso de Jekyl. O tio dela pediu-me que fosse trabalhar com ele. E estou decidido a isso. Já me aborrece esta vida da montanha...

— E a mim também...

— Quando arrumar o caso, vamos os dois para Big Sandy.

— E será fácil encontrar lá trabalho?

— Se não tem importa tratares de ovelhas!

— Dão menos trabalho do que as reses...

Pouco depois, Jefferson, seguindo o conselho do seu amigo, barbeou-se, mudando de aspecto.

— A propósito — disse ele. — Essa gente sabe que és médico?

— Não. Não lhes disse nada. Nem eu quero que saibam.

— Descansa. Por mim, ninguém saberá. Vamos até à choupana de Jekyl?

— Vamos.

A choupana de Jekyl estava situada na montanha, em frente, e a ascensão para a mesma era perigosa. Ao passarem o arvoredo, desceram das suas montadas e caminharam com cuidado. Um passo em falso poderia custar-lhes a vida. A choupana estava completamente coberta de neve. Quando entraram, perceberam logo que alguém havia ali estado.

— Que teriam vindo procurar? — observou Jefferson.

— Uma coisa que não puderam encontrar — respondeu Dave.

— Tens a certeza?

— Absoluta! — Levantou uma tábua do soalho, junto do rodapé, e acrescentou: — Foi isto que queriam encontrar. — E tirou para fora seis pequenos sacos de couro, cheios de ouro, e um maior com dinheiro, em notas, em prata e ouro.

Jefferson parecia deslumbrado.

— Como sabias que ele tinha tudo isto aqui escondido?

— Tinha-me revelado, dias antes de o matarem... O encarregado do Registo em Joplin aconselhara-o a registar os terrenos, onde ele tinha encontrado o filão. Quando Jekyl me contou isso, eu aconselhei-o a que fizesse o registo ,não em Joplin, mas em outra localidade. O encarregado confiou o segredo a alguém que procurou Jekyl para o obrigar a falar. Encontrava-me eu no arma-

zém de Bob, quando soube que o haviam matado. E não é verdade que ele atentasse contra a vida do xerife. Fizeram correr isso para enforcá-lo, sem lhe darem tempo a falar. Um dos empregados de Bob soube que os bandidos revistaram todo o vestuário de Jekyl, para procurar qualquer coisa, decerto. Compreendi logo do que se tratava. Entrei no «Marias» para beber um cálice de «whisky» e vi-me obrigado a matar três dos homens que iam com o xerife. Foi então que fugi, confiando em que ninguém me seguisse. Mas enganei-me e feriram-me traiçoeiramente pelas costas.

— E agora?...

— A primeira coisa a fazer é escrever para a universidade onde o filho de Jekyl está a estudar. Quero pagar todas as despesas dos seus estudos. Depois partiremos para Big Sandy. Ali, ninguém nos conhece e poderemos averiguar muitas coisas.

— Conheces o local onde Jekyl encontrou o filão de ouro?

Dave meteu a mão dentro do saco de dinheiro e, com os dedos, procurou no fundo um papel dobrado que tirou para fora e desdobrou.

— Ora examina: este pequeno quadrado representa a choupana, as duas linhas paralelas, o rio, e os círculos tracejados, as árvores. Foi debaixo destas que ele encontrou as pepitas que estão dentro dos sacos de couro.

— Porque não exploramos o filão, e depositamos tudo o que encontrarmos num Banco, em nome do filho de Jekyl?

— Faremos isso, depois de descobrirmos os assassinos de Jekyl. Jurei diante do seu cadáver vingá-lo e por isso, não descansarei, enquanto não encontrar esses cobardes.

— Conta comigo.

Dave enrolou tudo na manta e,

com uma corda de laçar, atou um dos extremos, passou-a a toda a volta, indo atar a outro extremo. Depois, colocou-a atravessada junto da sela, à qual a prendeu. Os dois amigos montaram e seguindo o curso do rio foram deter-se ao pé das árvores. Apearam-se e Dave foi até à margem do rio e meteu a mão na água, trazendo uma mancheia de areia. Quando retirou a mão e a abriu, ficaram assombrados.

— Parece incrível! — Repetiram a operação, com o mesmo resultado.

— Tem de existir um belo filão, muito perto daqui — disse Dave. — Era isto, decerto, que Jekyl procurava.

Quando chegou a noite, os dois resolveram ir visitar Bob, o dono do armazém, a quem costumavam vender as suas peles.

CAPÍTULO VII

Os dois amigos esperaram que uns vaqueiros, que haviam saído do armazém, se afastassem, para eles entrarem, o que não demorou muito.

— Dave! Tu aqui?

— É verdade, Bob! Em carne e osso...

— Vai lá para dentro, antes que alguém te veja... Oferecem mil dólares pela tua cabeça...

— Quem?

— Creio que é obra do xerife...

— Cobarde!

— Vê lá o que fazes!

— Deixa estar que não o matarei. Mas procurarei inutilizar-lhe as duas pernas!...

Nesse momento, ouviram ranger a porta do armazém. Alguém acabara de entrar, pois uma voz potente disse:

— Não há ninguém nesta casa?

— Há, sim. Que queres?

— Duas camisas, como esta!

— Vou buscá-las já! — E tornou a entrar no estabelecimento, fazendo um sinal a Dave e a Jefferson, que permaneceram em silêncio. Pouco depois, aparecia com duas camisas. — Aqui as tens.

— Quanto custam?

— Sete dólares as duas...

— Isso é uma loucura... Estavam bem pagas com cinco...

— Nem menos um cêntimo.

— É o que eu digo. Abusas, porque és o único que vendes estas coisas. Se fosse algum ovelheiro, não lhe pedias tanto dinheiro...

— Enganas-te. Os preços são os mesmos para todos. E no entanto, tenho bons amigos, entre essa gente...

— Pois deixarás de os ter, porque correremos com eles daqui... De mais a mais, os médicos descobriram uma epidemia espalhada pelo gado lanígero...

— Isso não nos interessa... — disse Bob, para mudar de conversa...

— Mas interessa-me a mim, que sou vaqueiro...

— T e n s razão! — replicou Bob, para não azedar e evitar questões. E mudou logo de assunto. — Bem! Se quiseres levar as camisas, o mais que posso descontar é um dólar nas duas... Se não queres, ficamos amigos como dantes.

O vaqueiro acabou por levá-las. Assim que ele saiu, Bob foi ter com Dave e Jefferson, que comentaram revoltados a conversa do vaqueiro.

— E tudo isto — acrescentou Bob — porque o xerife os apoia. Calculem que um amigo meu foi ontem apresentar-lhe uma queixa contra um grupo de vaqueiros que lhe matou mais de vinte ovelhas. Pois ele, em vez de proceder como devia, ainda se pôs a rir da proeza.

— Bandido!

— Por isso mesmo, aconselho-os a afastarem-se daqui, até que eu lhes

mande dizer que podem vir. Os ovelheiros escreveram aos Federais, a pedir o seu auxílio. E Ruston deixará de ser o xerife desta cidade.

— Talvez mais cedo do que muita gente julga. É verdade, Bob. Recebeste alguma carta do filho de Jekyl?

— Recebi há dias uma. Vou mostrar-lhes. Pobre homem.

Depois de a lerem, Dave contou a Bob, com todos os pormenores, o que se passara, por causa da descoberta do filão feita por Jekyl, concluindo:

— Tenho a certeza de que o causador da morte de Jekyl foi o bandido do encarregado do registo...

— Também havemos de fazer-lhe uma visita.

— Não o devem encontrar na Repartição. Está sempre metido no «Marias», a jogar.

Quando os dois sairam, depois de despedir-se do velho Bob, levaram os cavalos pela rédea, caminhando

pelo meio da rua, visto que os cascos dos animais não faziam ruido sobre a areia.

Chegaram com todas as precauções ao pé do xerifado, no interior do qual havia uma luz débil. Dave espreitou através dos vidros de uma janela e viu os dois ajudantes do xerife a jogarem as cartas. Voltou junto do amigo.

—O xerife não está... Mas tive uma ideia... Ainda continua no «Marias» essa rapariga, com quem tu mantinhas as melhores relações de amizade?

—Ainda...

—Nesse caso, vou escrever um bilhete para o encarregado do Registo de Propriedades...

Encaminharam-se para o «saloon» de Edenton Sonder que, como era costume, estava cheio de gente. Foi com certa dificuldade que conseguiram aproximar-se do balcão.

—Tu aqui?—perguntou uma empregada, ao ver Jefferson.

— É como vês! Estou já farto da montanha! E a minha Edith?

— Está ali.

— Avisa-a de que eu preciso de falar com ela. — E os dois companheiros entraram num gabinete reservado.

Pouco depois, Edith ia ter com Jefferson.

— É estranho... ver-te aqui, nesta época...

— Depois te direi porquê... Agora, preciso que me faças um favor.

— Estou sempre ao teu dispor... De que se trata?

— Quero que entregues um bilhete àquele tipo gordo que está ali a jogar...

— O encarregado do Registo de Propriedades?

— Sim. Mas que ninguém veja...

— Está bem. Posso beber alguma coisa, antes?

— Podes, sim... Uma garrafa de champanhe...

— És um amor... — E correu ao balcão, para pedir a garrafa de champanhe.

— És uma rapariga de sorte — disse-lhe o «barman», ao entregar-lhe a garrafa.

Edith voltou ao gabinete reservado, onde Jefferson a esperava, e beberam tranquilamente, enquanto ele lhe explicava como conseguia as peles que vendia no armazém de Bob.

— Gostava de poder estar uns dias na tua choupana...

— Depressa te aborrecerias... É completamente diferente de tudo isto...

— Pois tenho a certeza de que havia de sentir-me bem. Demais a mais a teu lado...

Pouco depois, Edith saía para entregar dissimuladamente o bilhete ao homem gordo.

— Desculpem-me — disse este aos seus parceiros. — Preciso de ir já à minha repartição, buscar uns pa-

péis de que me esqueci lá! — E saiu imediatamente.

Dave, que estava escondido, viu-o logo caminhar pelo meio da rua, seguido a pouca distância por Jefferson.

CAPÍTULO VIII

— Que sabes de Jekyl?

— Conservo uns papéis que ele me entregou, dias antes de morrer. Um deles tem uns sinais esquisitos...

— Onde o tens?

— Vamos devagar. Primeiro, preciso de saber porque tem tanto interesse.

— Quero vê-lo, apenas — disse o encarregado do Registo. Jefferson tirou a planta de dentro da camisa e entregou-lha. Aquele examinou-a e, depois, acrescentou: — Está bem. Dar-te-ei quinhentos dólares por isto...

— Acho pouco... Jekyl tinha-me dito que este papel valia uma fortuna.

— Então, quanto?

— Cinco notas de mil...

— Estás doido, com certeza.

— Nesse caso, devolva-me o papel. Pode ser que interesse a outras pessoas.

— Não digo que não. Mas eu preciso dele para o inscrever no Registo. Podemos chegar a um acordo.

— Não pense nisso...

— Está bem, Jeff... Dar-te-ei os cinco mil dólares. — E voltou-se para abrir a gaveta da secretária.

Jefferson, porém, sacou ràpidamente um «Colt» e ordenou:

— Nem mais um passo... E levanta os braços.

O tipo estacou, obedecendo, e voltou-se devagar.

— Eu ia buscar o dinheiro... — Mas empalideceu, de súbito, ao ver Dave, que entrara. — Tu?!... Disseram aqui que tinhas morrido...

— Como vês, estou bem vivo...

Entretanto, Jefferson abrira a gaveta da secretária e, em vez do dinheiro, viu um «Colt». Tirando-o para fora, perguntou-lhe:

— Era então este, o dinheiro que vinhas buscar? Cobarde! — E aplicou-lhe uma violenta coronhada no occipital que o deixou inanimado.

Pouco depois, Jeff e Dave saíam, deixaxndo-o sentado na cadeira, à secretária, com um letreiro pregado nas costas do casaco: *Voltarei!*

Uma vez na rua, encaminharam-se para o edifício do xerife. Os dois ajudantes continuavam a jogar tranquilamente. Dave entrou com a maior naturalidade. Ao ouvir o ruido dos seus passos, um deles voltou-se e, sem reparar bem em Dave, perguntou:

— Que deseja, amigo?

— Falar com vocês!

Como picado por uma serpente, o ajudante pôs-se em pé de um salto.

— Vejo que não me esqueceste... Onde está o vosso chefe?

— Não deve demorar-se... Nós não tivemos nada a ver com a morte de Jekyl... Se ele não tivesse disparado contra o xerife...

— Sabes muito bem que isso não é verdade... Mas não admira... Todos os cobardes são mentirosos... Vocês é que fizeram crer isso, mas vão pagar a vossa infâmia. Prometi sobre o cadáver do meu amigo que o vingaria, ainda que tivesse de perseguí-los até ao fim do Mundo.

Monroe quis precipitar os acontecimentos, pretendendo surpreender Dave. Este e Jefferson desarmaram os dois ajudantes do xerife, sem disparar um tiro para não causar alarme. E não tardaram a sair, deixando-os «pendurados». Pouco depois, partiam a galope, para fora da cidade.

Entretanto, Edenton Sonder, o dono do «saloon» «Marias», estranhou a demora do encarregado d/

Registo de Propriedades. Mas não disse nada e continuou a jogar com o xerife, embora olhasse para a porta, sempre que algum cliente entrava. De súbito, apareceu alguém, que depois de relancear o olhar à volta, correu para ele.

— Senhor xerife! Os seus dois ajudantes foram enforcados...

— Hein! Que dizes?

— Isto mesmo... Vi-os eu e mais dois companheiros meus...

O xerife levantou-se logo e seguido de um grupo, saiu apressadamente.

Quando chegou, ficou horrorizado.

— Isto foi obra dos ovelheiros, decerto. Ah! Dentro de pouco tempo, hão-de saber o que é bom.

Edenton acercou-se dele, para lhe dizer:

— O Augusto também ainda não apareceu... É para estranhar...

— Alguém o viu, depois de ele ter saído do «saloon»?

Ninguém respondeu. Em vista disso, acompanhados de uns três vaqueiros, o xerife e Edenton encaminharam-se para a repartição do Registo de Propriedades, ficando surpreendidos ao verem-no morto, sentado à sua secretária, com um papel pregado nas costas.

— Isto é para nos enganarem! — disse o xerife. — Foi também obra desses malditos ovelheiros.

★

Entretanto, Dave e Jefferson, haviam chegado à choupana do primeiro, onde passaram a noite, tranquilamente. Mas na manhã seguinte, Dave viu um grupo de índios, que caminhavam na sua direcção. Ia para se esconder, mas não foi necessário. Acabava de reconhecê-los. Partiu ao seu encontro e perguntou-lhes no seu idioma, o que desejavam.

— O nosso Grão-Chefe, pede ao caçador que vá falar-lhe. Precisa de medicamentos do homem branco. «Corvo Veloz» está doente!

— Prepara tudo para partirmos, Jefferson. Os «Pés Negros» são bons amigos e querem que eu vá ver o filho do chefe da tribo, que está doente. — A seguir assobiou para chamar o seu cavalo, preparou a mala, com todos os instrumentos cirúrgicos e, acompanhado por Jefferson e pelos índios, partiu a galope, na direcção da aldeia. Quando chegou à tenda do Grão-Chefe, Dave foi recebido com manifestações de regozijo. O seu primeiro cuidado foi examinar «Corvo Veloz», que se contorcia com dores. Os feiticeiros rodeavam-no, com curiosidade e ansiedade. O doente estava com uma febre altíssima. Compreendeu que «Corvo Veloz» sofria de uma apendicite aguda. Recomendou a Jefferson, que fizesse todos os preparativos, para uma in-

tervenção cirúrgica imediata. Depois, dirigiu-se ao chefe da tribo:

— Vou salvar teu filho. Mas têm de me deixar sòzinho com ele. A minha cabeça responde pela vida dele. — Depois de todos saírem da tenda, Dave procedeu à operação, que durou cerca de duas horas. Quando ao cabo desse tempo, saiu da tenda, o Grão-Chefe acercou-se dele. — Teu filho está salvo! O que precisa agora, é descansar.

Todos aguardaram, com ansiedade, que passasse o prazo indicado.

Uma semana depois, o jovem índio estava curado.

CAPíTULO IX

— Onde vais, Alice? — perguntou o ferrador a sua filha.

— Vou a casa de Selma, que está à minha espera... Porque não vens comigo?

— Estou a acabar de ferrar este cavalo. O dono não deve tardar...

Com efeito, pouco depois entrava um vaqueiro.

— Então, Rocky? O cavalo já está «calçado»?

— Está quase.

— Nesse caso, esperarei... É verdade, já foste ver o «saloon» de Erwin?

— Ainda não.

— Dá gosto entrar nele. Não deixes de lá ir, ainda que seja só para ver...

— Quando tiver tempo, irei dar uma espreitadela. Pronto, já acabei.

O vaqueiro viu o trabalho, pagou e saiu.

Entretanto, Alice preparou-se e, pouco depois, partia com seu pai a caminho do rancho do velho Jasper, que ficava perto da cidade.

Quando ali chegaram, foram acolhidos por Jasper e Selma, com manifestações de afecto e amizade.

«Snow», que já se encontrava melhor, começou a ladrar e aos saltos, agitando a cauda, contente e satisfeito.

— Este animal vale quanto pesa! — declarou Jasper. — Eu e Selma já não podíamos atender todo o rebanho sem a ajuda dele.

— Não encontras ninguém que queira vir trabalhar contigo?

— Já falei com Marion para me ceder alguns homens. Mas também precisa deles... Estou a ver que terei de vender o rebanho, antes de tempo...

— Ouvi dizer que os vaqueiros preparam uma surpresa, para depois das festas...

— Eu sei. Mas ninguém se atreverá a fazer-me sair daqui...

— Se todos se unissem...

— Saberemos defender-nos quando chegar a ocasião...

— Olha quem vem aí... O Dr. Tiffin.

— Que surpresa! Mas quem serão os que vêm com ele?

— Não conheço nenhum — disse o velho Jasper, fazendo um grande esforço para se conter.

O doutor acercou-se dele, cumprimentando-o, mas ao ver o ferrador, perguntou-lhe:

— O senhor aqui? Então, hoje não se trabalha?

— Minha filha pediu-me para vir acompanhá-la, ao rancho do nosso Jasper.

— Desculpem não lhes ter apresentado estes amigos. Como procuram trabalho, lembrei-me de si, Jasper.

— Eu não tenho dúvida... Mas se ficam a trabalhar, no meu rancho, não poderão ir à cidade!

— O doutor Tiffin explicou-me isso pelo caminho — replicou Dave. Jasper estava desejando ficar a sós com Dave, para lhe poder perguntar, se já estava completamente curado dos seus ferimentos.

— Bem! Se já sabem e não se importam, podem ficar a trabalhar.

Dave e Jefferson foram apresentados ao ferrador, que uma hora depois regressou à cidade.

Jasper foi logo procurar sua sobrinha, encontrando-a a conversar com Alice.

— Vais ter uma surpresa, Selma. Calcula lá quem acaba de chegar?

— Se não mo disseres, não saberei... Bem sabes que eu não sou adivinha...

— Dave!

Selma sentiu o coração saltar dentro do peito.

— É o rapaz de quem me tens falado? — perguntou Alice.

— É, sim!

— E veio um amigo com ele — acrescentou Jasper.

Selma voltou-se para o cão:

— Não saias daqui! Tens de ficar a guardar as ovelhas.

Jasper entrou à frente das duas jovens.

Dave sorriu para Selma e depois de cumprimentá-la, disse-lhe:

— Apresento-te o meu amigo Jefferson! É caçador como eu!

— Encantada, por conhecê-lo — apertando a mão que ele lhe estendia.

Depois, apresentou-lhe Alice, ficando os quatro a conversar, como se fossem velhos amigos.

Tiffin, porém, não se demorou:

— Desculpem, mas tenho de me retirar. Não posso deixar os meus doentes, sem assistência.

— Pode ser que demos hoje uma volta pela cidade, o meu amigo e eu...

— Se não houver algum caso urgente, poderão encontrar-me no consultório.

— Espere, doutor — disse Jasper. — Iremos todos acompanhá-lo.

Montaram todos a cavalo e dirigiram-se para a cidade, conversando acerca dos problemas dos ovelheiros.

— Se não fosse pelas duas pequenas que vêm connosco, entrávamos no «saloon» de Erwin, para tomarmos qualquer coisa.

— Por nós, não se preocupem — disse Selma.

— Eu não posso — acrescentou o cirurgião. — Quero ir primeiro a casa. Se não houver ninguém à minha espera, virei aqui ter.

Dave, Jefferson e Jasper despediram-se e entraram no «saloon», acercando-se do balcão. O «barman» fitou Jasper.

— Bem sabes que os ovelheiros não podem entrar aqui...

— Queremos três «whiskys», duplos.

— Já disse... E se estes teus companheiros também são ovelheiros tão-pouco podem beber.

Ao ouvir isto, Douglas aproximou-se do balcão e perguntou a Jasper.

— Quem são estes teus companheiros?

— Não tenho que dar-te explicações...

— Então, é melhor saíres daqui.

— Isto é um estabelecimento público, e...

— As tuas roupas cheiram a ovelhas que empestam...

— Como as tuas cheiram a bosta de boi. — Um dos companheiros de Douglas ainda quis provocar o velho Jasper, mas Dave e Jefferson evitaram qualquer conflito e saíram com ele, dirigindo-se os três para o armazém do «Irlandês», que mostrou a sua satisfação, ao ver que o velho rancheiro já tinha dois rapazes que iam trabalhar para ele.

O xerife não tardou a saber que Jasper se encontrava na cidade, e resolveu ir procurá-lo. Nesse momento, porém, parou à porta uma força militar comandada por um tenente. O xerife dirigiu-se-lhe, sorrindo:

— O senhor tenente por cá?! Há alguma novidade?

— Estamos fartos de receber queixas no Forte. E o coronel mandou-me para saber o que se passa...

— As discórdias de sempre, entre vaqueiros e ovelheiros...

— Isso tem de acabar... O senhor não faz caso das queixas que lhe apresentam. Pois fique sabendo que dentro de poucos dias, deve chegar uma força dos federais, mandada pelo governador.

— Eu sei quem manobra tudo isso. É o «Irlandês»! Mas não esqueça, senhor tenente, que «mister» Norton é muito amigo do coronel...

— O tenente ficou um pouco perturbado. Não queria sofrer nenhum desgosto. Resolveu, por isso afastar-se com os seus homens.

O xerife não quis perder tempo e montando a cavalo, partiu para o rancho de Rusk Norton, a fim de lhe contar o que se passava.

CAPÍTULO X

Todos olharam atónitos para o homem, que caminhava cambaleante, pelo meio da rua, gritando:

—Cobardes! Assassinos!

—Parece-me que é um dos ovelheiros de Marion! —observou um dos curiosos.

Precisamente, ao chegar em frente do xerifado, o desconhecido caiu de borco. Foi então que todos viram que o desgraçado estava ferido. Tinha as costas cheias de sangue.

—Avisem já o doutor Tiffin— ordenou o xerife, algo nervoso.

O cirurgião não se fez esperar. Mas só pôde verificar o óbito.

—Este desgraçado está morto. E mataram-no à traição.

—De facto, assim deve ter sido! —concordou o xerife.—Tenho de averiguar quem o matou.—E tomou a direcção do rancho, acompanhado por alguns homens. A pouca dis-

tância, encontraram bastantes ovelhas mortas e, entre elas, os cadáveres de quatro homens. Um deles era Marion.

A notícia correu depressa pela cidade. O «Irlandês» fechou logo o armazém e, acompanhado pelo ferrador, encaminhou-se para o rancho de Jasper, indo encontrá-lo com Dave e Jefferson. E depois de contar-lhe o caso, acrescentou:

— Tudo isto deve ser obra de Rusk Norton...

— A primeira coisa que há a fazer é averiguar quem fez isso... Preciso de um homem de confiança que vá a Helena, para entregar pessoalmente uma carta ao governador...

— Pode ir o meu empregado Franklin! — disse Dam.

— Vai-se já tratar disso! — replicou Dave, que em poucos minutos escreveu uma carta que Franklin levaria nessa mesma tarde.

Três dias depois, Dave e Jeffer-

son, que frequentavam com frequência o «saloon» de Erwin, resolveram jogar uma partida de «poker» com Collins, com o intuito de provocá-lo, o que realmente aconteceu. Fora de si, Collins não se conteve:

— Advirto-te de que, embora esteja proibido o emprego de armas, durante estes dias, não terei mais remédio senão matar-te.

— Quando é que esteve proibido o uso das armas para Collins Wise?

Este empalideceu.

— Quem te disse que esse nome é o meu?

— Um velho amigo que morreu há bastante tempo.

— Deterei o primeiro que puxar por uma arma! — disse o xerife.

Apesar disso, Douglas e Collins não respeitaram essa ordem. Mas Dave e Jefferson, foram mais rápidos do que eles. E foi Dave quem, fitando o xerife, que empalidecera, lhe perguntou:

— Porque não tenta prender-me, Mac Comb?

— Não posso culpar-te de nada... O meu intuito era que respeitassem as leis das festas... Mas eles não o quiseram, assim pagaram com a vida... — Depois de Dave e Jefferson saírem, ordenou que retirassem os cadáveres, entrando a seguir no escritório de Erwin.

— Porque não os prendeste? — perguntou este.

— Sabes quem é aquele rapaz mais alto? É o filho do governador! Um dos homens de Bixby, reconheceu-o...

— Isso é que não me agrada nada... E agora?

— Saiamos pelas traseiras. Temos de ir avisar Rusk.—Minutos depois, galopavam para o rancho de Norton.

CONCLUSÃO

— Não vens à cidade, Dave?

— Não, Jefferson.

— O governador chega na dligência...

— Bem sei. Mas sinto não poder ir, como vão todos.

— Se é por causa do rebanho, o cão pode guardar as ovelhas.

— Não é por isso. Há uma coisa, na minha vida, de que nunca te falei, e que tem sido como um pesado fardo, durante os anos que tenho estado fora de casa.

— Nunca te perguntei nada...

— Mas sou eu que quero dizer-te. Se te tivesse dito antes, teria sentido um grande alívio. Quando eu andava a estudar, sucedeu-me uma coisa parecida com a que sucede ao filho de Jekyl. Minha mãe morreu um ano antes de eu terminar o curso. Soube por um amigo íntimo da família, que a tinham assassinado, e, desde esse dia, nasceu-me

um intenso ódio por meu pai, por me haver ocultado isso. Mais tarde, porém, cheguei à conclusão de que ele fez isso para meu bem. Hoje, não me atreveria a aparecer diante dele.

— Há-de acontecer o mesmo com ele e estou certo de que te receberá de braços abertos.

— Sinto vergonha...

— Vamos, Dave! Irei contigo ao rancho de teu pai e explicar-lhe-ei.

Dave fitou Jefferson com um olhar triste.

— Não é preciso ir a nenhum sítio. O homem que todos esperam, é meu pai...

— Então, tu és o famoso doutor Falls, de quem se tem falado tanto em Oregon?... — As lágrimas assomaram aos olhos de Dave. — Vem comigo. Teu pai não merece que te portes assim com ele.

— Onde está Jasper?

— Marchou com as raparigas há cerca de uma hora.

Jefferson conseguiu convencer Dave e os dois rapazes partiram para a cidade.

Na rua principal, todos os habitantes de Big Sandy esperavam impacientes a chegada da diligência.

Dave e Jefferson misturaram-se com os curiosos e esperaram em silêncio. Quando o veículo apareceu, a multidão rompeu em calorosos aplausos, pelo que o governador apareceu à janela da carruagem, para agradecer, agitando a mão no ar. Dave contemplava a cena com os olhos rasos de água.

O coronel Weldon e o xerife, foram os primeiros a dar as boas-vindas à suprema autoridade do Estado.

— Como vê, este ano resolvi vir! — observou o governador.

— É uma grande honra para a cidade... a vossa visita...

Aproveitando a circunstância de Dave estar com a atenção fixa no governador, Jefferson separou-se

dele disfarçadamente e tentou acercar-se do veículo. Mas vários agentes agarraram-no, impedindo-o de aproximar-se.

— Que é aquilo? — perguntou o governador.

O xerife voltou-se. Ao descobrir, porém, Jefferson, ordenou:

— Detenham esse homem. É um pistoleiro temível e, provàvelmente, queria cometer algum atentado.

Jefferson voltou-se para ele:

— O senhor é o maior cobarde que tenho conhecido, xerife.— E entregando as armas aos agentes, perguntou:— Agora, já posso falar com o senhor governador?

Este ordenou, em voz alta:

— Deixem esse homem aproximar-se...

Assim que os agentes o largaram, Jefferson encaminhou-se para o veículo.

— Preciso de comunicar-lhe uma coisa importante, senhor...

— Inspector Park! — exclamou o governador. — Onde está meu?...

— Está-o esperando...

Ao ouvirem o governador, os agentes apressaram-se a devolver as armas a Jefferson. Entretanto, o xerife tentou misturar-se com a multidão, para poder escapar-se. Dave, porém, que estava com os olhos postos nele, alcançou-o e deteve-o por um braço:

— Onde vai, xerife?

— Porque quer saber?... Não ia a nenhum sítio...

— O senhor é um cobarde! — exclamou Dave, ao mesmo tempo que começou a sová-lo.

Os agentes rodearam-nos, obrigando-os a levantar os braços no ar.

Entretanto, o governador apeára-se e com os olhos marejados de lágrimas, exclamou:

— Meu filho!

Toda a gente estranhou, ao vê-los abraçados, enquanto Jefferson ordenava aos agentes, que prendessem

o xerife. Quando eles tentavam levá-lo, Dave separou-se de seu pai, impedindo-o que o levassem. Depois, agarrando-o por um braço, fez-lhe dar meia volta, para olhá-lo de frente:

— Repare bem em mim! Sabe quem era aquela mulher que mataram em Oregon? Era minha mãe...

— Eu não... — O xerife não pôde proferir mais nenhuma palavra. Dave arrastou-o para o meio da rua e começou a malhar nele com uma fúria doida. Muitos dos curiosos ainda supuseram que o governador mandasse suspender a sova. Mas tal não aconteceu. Parecia mesmo sentir-se orgulhoso de seu filho que, num momento de paroxismo, atirou o xerife, para o chão, onde ficou inanimado, tendo morrido quase instantâneamente.

Dave voltou para junto de seu pai. Jasper, Pam e o ferrador encaminharam-se para ela, a fim de o felicitarem. Aproveitando esse mo-

mento, Jasper falou com o governador em voz baixa, depois do que chamou os seus homens e deu-lhes ordem para irem prender o coronel, do que quase ninguém se inteirou, e conduzirem-no em seguida para o rancho de Jasper, sendo acompanhados nessa diligência por Dave e Jefferson.

O coronel protestou enèrgicamente:

— Nem o próprio governador pode fazer isso comigo. Apresentarei uma queixa em Washington.

Apesar disso, levaram-no para o rancho, onde Dave pediu que o deixassem a sós, com ele:

— Escute bem o que vou dizer-lhe, coronel! Embora o senhor o não mereça, quero dar-lhe uma possibilidade para se salvar. Para isso, terá de confessar toda a verdade. E não se esqueça de que já sabemos quem tem escondidas as armas que entrega aos índios no Forte.

— Isso não é verdade!

Como visse que não tinha outro meio para conseguir dele a confissão, agarrou-o com força e, sacando da baínha a sua faca de mato, apoiou a ponta da lâmina no pescoço. O medo fez com que o oficial confessasse toda a verdade, e, uma hora depois, Dave saiu, levando na algibeira, a declaração assinada pelo coronel, dando-a a Jefferson para que a lesse. Tanto este, como os seus agentes, ficaram horrorizados com o que ele escrevera na confissão.

Dave saiu de casa, correndo «Snow», ao seu encontro.

Mas, decorridos poucos minutos, ouviu uma detonação. Voltou para dentro, a correr. Um dos agentes estava ferido. O coronel havia conseguido escapar-se por uma das janelas, deixando cair a arma no chão, mas não quis perder tempo a apanhá-la.

—O patife vai desarmado!—disse

Jefferson. — Ao saltar, o revólver caiu-lhe da mão.

— «Snow»! — gritou Dave. — Busca!

O cão partiu como uma flexa, atrás do coronel, alcançando-o, segundos depois. Este puxou por uma faca de mato, que tentou cravar no animal. Não o conseguiu, porque «Snow» atirou-se a ele, de lado. para o desarmar. Pouco depois, os outros foram encontrar o oficial estrangulado.

Quando regressaram à cidade, contaram o que se passara ao governador, entregando-lhe Dave a confissão escrita e assinada pelo coronel.

Quando ele a acabou de ler, deu ordem para que prendessem todos os indivíduos, cujos nomes figuravam nela.

Dave e Jefferson adiantaram-se e entraram no «saloon» de Erwin. Bixley, mais três dos seus homens, Erwin e Rusk Norton preparavam tudo para fugirem.

— Não tenham tanta pressa — disse Dave. E com efeito, os seis homens não tiveram tempo para escapar, e, em vez disso, foram conduzidos ao cemitério da cidade.

O capitão Vernon e Buston, o xerife de Joplin, foram detidos pelos agentes, mas os ovelheiros caíram sobre eles, linchando-os. Meia hora depois, o luxuoso «saloon» de Erwin era pasto das chamas, enquanto Dave saía da cidade a todo o galope do seu cavalo. Um dos principais autores da morte de sua mãe, continuava com vida, em Joplin.

Quando Selma soube que ele tinha partido, pôs-se a chorar; mas Jefferson, que conhecia a confissão do coronel, procurou tranquilizá-la:

— Não te preocupes, Selma. Dave voltará, quando ajustar as contas com Edenton Sonder, que foi o assassino de sua mãe.

★

Três dias depois, o governador, que estava hospedado no rancho de Jasper, continuava esperando o regresso de seu filho. As festas tinham sido adiadas. E quando nessa manhã, brincava com «Snow», este desprendeu-se sùbitamente das suas mãos e, arrebitando as orelhas, começou a ladrar, correndo como doido, ao encontro de um cavaleiro que se aproximava.

Era Dave, que trazia o cadáver de Edenton, sobre o seu cavalo. O governador recebeu-o de braços abertos.

— Aí tens o bandido que matou minha mãe! Eu *tinha de matá-lo.*

— Fizeste bem, meu filho!...

Ao chegar, Selma correu ao seu encontro e beijou-o na presença do governador.

— Amo-te, Dave! E não quero que tornes a partir!

O governador deixou-os sós e, ao encontrar Jasper, disse-lhe:

— Creio que em breve teremos boda. Agora estou certo de que meu filho voltará a ser o cirurgião que se tornou famoso. Se sua mãe fosse viva!...

Jefferson e Alice felicitaram Dave e Selma.

— Quando pensam casar? — perguntou Jefferson.

— Levarei Dave à igreja, o mais depressa possível, antes de que el- se arrependa — respondeu Selma.

— E quem serão os nossos padrinhos?

— Não sabia que vocês também estavam... — exclamou Selma.

— Meu pai e a esposa do doutor Tiffin serão os nossos padrinhos — propôs Dave. — Que lhes parece?

— Admirável! — respondeu Selma.

O doutor Tiffin e sua esposa, que presenciavam a cena, limitaram-se a sorrir.

★

Dois anos depois, Dave e o doutor Tiffin trabalhavam incansàvelmente na mesma clínica.

— Apresentou-se-nos um caso urgente — disse Tiffin a Dave. — Será melhor tu atenderes. É verdade... Acabam de trazer uma carta para tua esposa. É do filho de Jekyl e diz que, em breve, virá fazer-lhes uma visita.

— Já acabou o curso?

— Já. E sabe tudo o que aconteceu. Jefferson explicou-lhe...

— Pobre rapaz. Onde está Selma?

— Está a atender essa pequena «fera» que vocês arranjaram.

Dave pôs-se a rir e entrou na clínica para atender o caso urgente de que Tiffin lhe falara.

F I M

AS 2 MULHERES MAIS FALADAS DO MUNDO EM BIOGRAFIAS DE IMPLACÁVEL REALISMO

● A VIDA FABULOSA
DE BRIGITTE BARDOT

por Denise Jourdan

Uma boneca sem coração ou uma mulher infeliz? Qual delas é a verdadeira? Neste livro, *Denise Jourdan* revela todos os segredos da famosa artista!

● MARILYN MONROE
A MULHER QUE VENCEU
DESTINO

por Ross Pynn

Que trágico e poderoso segredo guarda Marilyn Monroe dos seus 8 anos de idade? Que factos a levaram a pousar para os calendários? *Ross Pynn* dá a público tudo que nunca foi dito sobre Marilyn!

LIVROS EM FORMATO DE BOLSO
32 PAGINAS EM SEPARATA COM
FOTOGRAFIAS DA VIDA DAS DUAS
GRANDES ARTISTAS

Preço de cada volume: 12$5

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 — LISBOA

COLECCIONE TAMBÉM

OS DEZ MANDAMENTOS

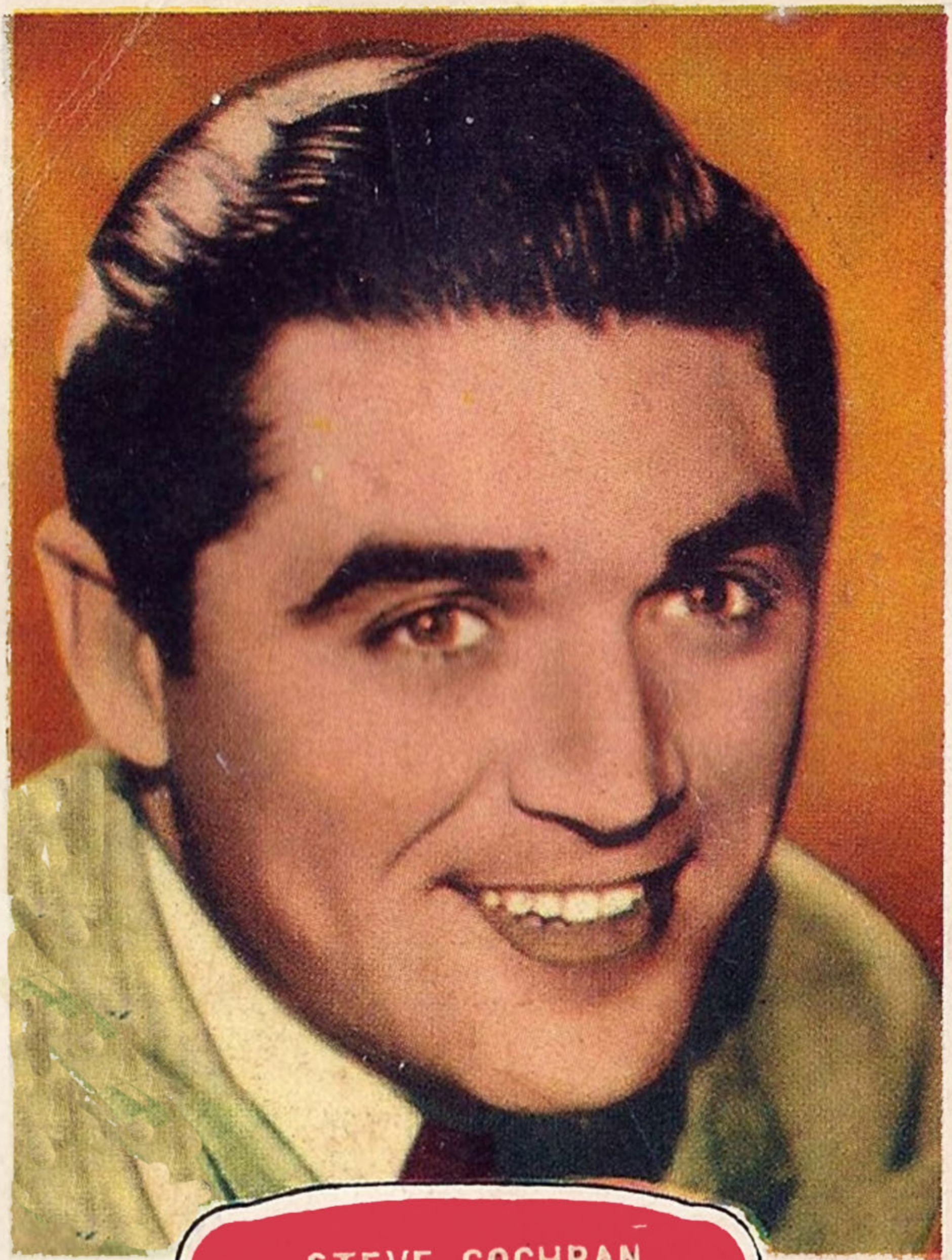
— Toda a grandiosidade do filme, em cromos magnìficamente impressos a 7 cores.

— Reprodução total de todos os pormenores da superprodução da PARAMOUNT FILMS.

Caderneta: ..... 7$50

Envelope-surpresa $40

CHUVA DE ESTRELAS



STEVE COCHRAN

EDITORIAL IBIS, LTDA.

DISTRIBUIDOR LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. - RUA GARRET, 73 - LISBOA

PREÇO PARA PORTUGAL: 2$50